

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Redactor Principal
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua 1.º de Maio, 14—TAVIRA

Director, Editor e Proprietario
Dr. JAIME BENTO DA SILVA

ASSINATURAS
Série de 10 Números 5\$00
Composição e Impressão
Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

NÃO SE RESTITUEM ORIGINAIS QUER SEJAM OU NÃO PUBLICADOS

1940 - Ano Bom

1941 - Fé e Esperança

A lição dos Centenários

«Vimos de encerrar o Ano Aureo dos nossos Centenários... Sabemos talvez mais precisamente agora o que devemos e o que se nos deve como operosos elementos da comunidade civilizada; vimos talvez mais claramente por que caminhos, á luz de que ideias, á custa de que provações e lutas, sob que forças ou disciplinas conseguimos ser o que fomos e somos ainda no Mundo. Apareceu, consequentemente, com a maior nitidez, ao nosso espirito, o preço por que umas vezes se logra a paz, outras se alcança a vitória e sempre se conquista o respeito e se salva a honra, que são, por assim dizer, a alma da independência das nações.»

Da Mensagem do Ano Novo, dirigida pelo Chefe do Estado a todos os portugueses.

Orgulho e Fé

Isto se fez.

Assim concluiu o ministro das Obras Públicas a alocação do primeiro dia do ano, através da rádio, acerca das realizações de 1940.

O plano das Comemorações, magistral na definição do sr. eng.º Duarte Pacheco, dera-nos «a certeza duma capacidade de concepção e realização que se não supunha pudesse chegar tão longe, nem tão alto».

E, depois, o ilustre titular da pasta das Obras Públicas havia dito:

O povo—grande povo este!—compreendeu maravilhosamente o extraordinário significado das Comemorações Centenárias e com elas e com a sua perfeita compreensão avançamos num só ano algumas décadas, ganhando a confiança em nós próprios, vencendo a descrença nacional.»

Este foi na verdade, um dos mais belos resultados das celebrações do «ano aureo». Talvez mesmo o que tornou possível todos os outros, tudo «isto que se fez» e que justifica de sobejo, como disse o sr. eng.º Duarte Pacheco, que saíssemos de 1940 com orgulho e com fé:

«Orgulho—nas qualidades da nossa gente, que assegurem ao novo Portugal o respeito por si mesmo e o lugar próprio no concerto das nações.

«Fé—na Providência, que há de conceder a este Povo a graça de ser feliz na continuação das nobres tradições dos seus maiores na continuação dos altos destinos que Deus lhe tem confiado no quadro da Civilização Cristã.»

Em resumo e para nós: fé em Deus e orgulho nos homens que Ele pôs á frente da Nação,

Atenção

A Casa do Algarve em Lisboa, com sede na Avenida Defensores de Chaves N.º 79, 1.º andar, recebe, aos preços da respectiva tabela, anúncios de todas as espécies, destinados ao nosso jornal.

Um acordo corporativo Algarve

E' com o maior prazer que transcrevemos em lugar de destaque do nosso jornal a acta da reunião conjunta das Direcções do Gremio da Lavoura de Tavira e da Casa do Povo da Luz de Tavira, na qual foi aprovado o primeiro acordo corporativo no concelho de Tavira.

Ficamos contentes. Primeiro. por vermos que o corporativismo, doutrina basica do Estado Novo, vai caminhando, talvez, um pouco vagarosamente segundo alguns, mas vai marchando e isso é o mais importante.

Depois, por vermos que o seu espirito está sendo compreendido e justificada a sua existência pela forma como as suas vantagens são bem aceites em todos os campos sociais.

O Corporativismo pretende acabar com a diferença entre o castão e a ponteira da bengala conservadora liberal, mas, também, impedir a posição da bengala comunista. Em relação ao corporativismo, ambas essas posições representam repressão.

Outra grande satisfação que temos, também, é causada pela leitura das explicações e considerandos que explicam a proposta aprovada, demonstração nitida de que o seu autor, o nosso querido amigo, sr. Eduardo Dias Ferreira, a estudou conscienciosamente, segundo a doutrina e a lei, mas não perdendo de vista as realidades economicas das duas Freguesias abrangidas pelo acordo.

Não queremos deixar de felicitar os componentes das duas Direcções pela isenção de compreensão do que deram provas, contribuindo assim para um maior e melhor desenvolvimento dos dois órgãos corporativos contratantes.

Ano mil novecentos quarenta aos vinte sete de Dezembro, nesta cidade de Tavira, Rua Primeiro de Maio e gabinete da Direcção do Grémio da Lavoura de Tavira, onde se encontrava a respectiva Direcção constituída pelo Presidente—Carlos Jerónimo Vizeto Guerreiro, Tesoureiro—Sebastião José Fernandes e Secretário—Eduardo Dias Ferreira, convocada nos termos legais para em reunião extraordinária com os corpos gerentes da Casa do Povo da freguesia da Luz, dêste concelho, estabeleceram o acordo a que se refere o parágrafo primeiro do artigo quarto do Decreto número trinta mil setecentos e dez de vinte nove de Agosto passado, sendo vinte horas, compareceram aqui os Excelentíssimos Senhores Manuel Martins Palmeira, presidente da Mesa da Assembleia Geral da referida Casa do Povo, José Picoito Júnior, presidente; João José Viegas, tesoureiro e João Rodrigues Varela, secretário, êstes da Direcção da mesma Casa. Então, entrando-se na discussão do objecto desta reunião que é para o estabelecimento de acordo sobre a classificação dos sócios contribuintes e fixação das suas cotas para a referida Casa do Povo, foram ponderadas e discutidas as respectivas bases sendo apresentada pelo secretário do Grémio, Eduardo Dias Ferreira, a seguinte: PROPOSTA—Primeiro—Que é de tôja a vantagem estabelecer o mencionado acôrdo por a fixação das cotas poder ser, por nós, com conhecimento directo do meio e dos indivíduos, estabelecida em bases mais justas e equitativas do que pelo Instituto Nacional de Trabalho e Previdência; Segundo—Que as Casas do Povo devem ser assegurados meios de crear e manter os fins de assistência e previdência estabelecidos pelo Decreto número trinta mil setecentos dez sem necessidade de realçar os seus feitos, patentes pelas vantagens que levam a classe tão numerosa e desamparada como é a dos trabalhadores rurais; Terceiro—Que á Lavoura devem merecer carinho e auxilio os que directamente a servem mas que êste deve ser cautelosa e justamente distribuido, de contrario, por excessivo, levaria á inversão que é necessário evitar; e, Quatro—Ass.m, á Lavoura, já onerada com pesados encargos, deminutos rendimentos e péssimos anos agricolas, não podem ser exigidos grandes sacrificios, pelo que, a) se deve estebelecer o rendimento colectável de dois mil quinhentos escudos como base para o estabelecimento da cota de cinco escudos a pagar pelos sócios contribuintes, que abaixo daquela colecta ficam equiparados aos trabalhadores rurais cujo salário diário se fixou na base média de sete escudos. Todos os outros cujo rendimento colectável seja inferior áquele serão obrigatoriamente inscritos como sócios efectivos pagando a cota que para êstes fôr estabelecida visto que, pelas suas condições de vida, cabem dentro da classificação do artigo primeiro do decreto número trinta mil sete-

centos e dez. b) que a base estabelecida seja igual para as freguesias da Luz e de Santo Estevão, ambas sob a direcção da Casa do Povo da primeira destas freguesias porque o contrario daria lugar a injustiças que convém evitar;—na freguesia da Luz existe uma área grande, no entanto inferior a metade da área da freguesia, em exploração de regadio, mais valorizada, portanto, do que a restante desta freguesia e da de Santo Estevão, de sequeiro, mas, verdade também é que a propriedade de regadio é mais flutuante, tem mais transmissões e os seus valores estão por isso mais actualizados; o fixar uma base mais elevada para a freguesia da Luz iria atingir de forma injusta, por mais onerosa, a propriedade de sequeiro desta freguesia, em tudo semelhante á propriedade da mesma espécie da freguesia de Santo Estevão; e c) sair do âmbito da generalisação da colecta da contribuição predial rústica, como base para a fixação da cota, para adoptar a individualisação desta seria cair no arbitrio que, quasi sempre é injusto, carece de confiança e dá lugar a reclamações e reacções que acima de tudo é necessário evitar para que obra tão útil ganhe o ambiente necessário para que a todos se imponha. Por tôdas as razões que ficam expostas apresenta a seguinte tabela de cotizações para sócios contribuintes das freguesias da Luz e Santo Estevão, ambas sob a direcção da Casa do Povo da Luz: PRIMEIRA CLASSE—rendimento colectável de dois mil quinhentos escudos e quatro mil quinhentos escudos—cota mensal de cinco escudos; SEGUNDA CLASSE—rendimento colectável de quatro mil quinhentos escudos e um centavo a cinco mil quinhentos escudos—cota mensal de seis escudos; TERCEIRA CLASSE—rendimento colectável de cinco mil quinhentos escudos e um centavo a seis mil quinhentos escudos—cota mensal de sete escudos; QUARTA CLASSE—rendimento colectável de seis mil quinhentos escudos e um centavo a sete mil quinhentos escudos—cota mensal de oito escudos. Acima de sete mil quinhentos escudos de rendimento colectável acresce doze escudos anuais por cada mil escudos ou fracção de rendimento colectável. Todos os proprietários cujo rendimento colectável seja inferior a dois mil quinhentos escudos serão inscritos como sócios efectivos com a cota que para êstes fôr estabelecida. A seguir foi discutida esta proposta e finda a discussão foi resolvido que a base média de salário atribuida aos trabalhadores rurais para a fixação de cota dos sócios contribuintes fôsse fixada em seis escudos diários estabelecendo-se para a primeira classe dos sócios contribuintes o rendimento colectável inicial de dois mil cento sessenta escudos. Assim pela direcção da Casa do Povo da Luz e pela direcção do Grémio da Lavoura de Tavira foi, por unanimidade, aprovada a proposta apresentada com alteração da tabela que fica sendo a seguinte: tabela de quotização para sócios contribuintes das freguesias da Luz e Santo Estevão, ambas sob a direcção da Casa do Povo da Luz: PRIMEIRA CLASSE—rendimento colectável de dois mil cento sessenta escudos a quatro mil quinhentos escudos—cota mensal de cinco escudos; SEGUNDA CLASSE—rendimento colectável de quatro mil quinhentos escudos e um centavo a cinco mil quinhentos escudos—cota mensal de seis escudos; TERCEIRA CLASSE—rendimento colectável de cinco mil quinhentos escudos e um centavo a seis mil quinhentos escudos—cota mensal de sete escudos; QUARTA CLASSE—rendimento colectável de seis mil quinhentos escudos e um centavo a sete mil quinhentos escudos, cota mensal de oito escudos. Acima de sete mil quinhentos escudos de rendimento colectável acresce doze escudos anuais por cada mil escudos ou fracção. Todos os proprietários cujo rendimento colectável seja inferior a dois mil cento sessenta escudos serão inscritos como sócios efectivos com a cota que para êstes fôr estabelecida. Mais foi resolvido, também por unanimidade extrair duas cópias autênticas desta acta a fim-de serem enviadas á direcção da Casa do Povo da freguesia da Luz, as quais valerão como titulo autêntico. Nestas deliberações não teve intervenção o Senhor Manuel Martins Palmeira, presidente da Mesa da Assembleia Geral da referida Casa do Povo que, tendo intervenido na discussão não quiz concretizar os seus pontos de discordância e se recusa a assinar esta acta tendo retirado antes de ter terminado a sua elaboração. Nada mais havendo a tratar para constar se lavrou a presente acta que depois de lida e aprovada vai ser pelos presentes assinada. E eu, Eduardo Dias Ferreira, secretário a subscrevi. (aa) José Picoito

Memórias Históricas e Etnográficas

Cartas inéditas de
D. Francisco Gomes do Avelar
Arcebispo Bispo do Algarve
(1787-1804)

(Continuação do n.º anterior)

10.ª

P. C.

M. R. P. M.º Bonif.º Ferr.ª

Meu bom P.º Ir. e Am.º duas regrinhas so, porq o tempo he pouco. Desejo a V. R. saude mui feliz, e igualm.º desejo os alivios completos á nossa Ser.ª Bemfeitora. Faço o q posso em a presença de Deos. Agora estamos em preces actualm.º para q D.º nos dê aqui húa gotinha de agoa q ainda não se sabe por aqui que cousa he inverno. Logo entraremos com as preces pro felici partu. Deos queira ouvir as nossas supplicas. Tenho húa favor q pedir a V. R. digo dous favores, e se V. R. m.º aperta, talvez q chegue a terceiro. Hora ja he m.º pedir. Nem húa Franciscano pede tanto. Mas: dai q p.ª vos dais, dizia o Ir. Miguel. Agora vão os negocios. O primeiro he q V. R. cõ toda a submissão e afecto piedoso beije a Mão a Sua Alteza, e lhe offereça toda a eficacia do Santo Sacrificio.

Em seg.º lugar, se he possivel, tomára eu q Sua Alteza quizerá interceder pelo despacho do D.º Juiz de fora q acabou aqui em Faro, e se chama Manoel Cypriano da Silva, o qual tem feito aqui comigo, e já cõ o S.º D. Jozé Maria de Mello, húa excellente sociedade, e boa harmonia, e seg.º elle mostra, tem servido bem a nossa Soberana, em lugar seu, e o Estado, ate servindo por outro o lugar de Superintendente da alfandega desta Cid.º Agora está de fora; mas diz-se q Vidal, q he o Superintendente ha 8 annos, pede ir p.ª Portalegre, Superintendente dos lanificios. Bem conta me fazia ter aqui este ministro. Mas se Sua Alteza não quizer fazer me esta graça, sempre lhe agradeço m.º a benevolencia, com q me honra, e m.º mais do q eu mereço. A terceira coisa he que V. R. ore m.º a D.º por mi, especialm.º hoje no grande dia do nosso S.º Bispo de Genebra. Que Bispo que heroel Deos he q.º faz os Santos; mas os Santos tão bem trabalhão bem o ponto. D.º nos ajude. Grandes lembranças á Ex.ª S.ª D. Teresa; e ao meu P.º M.º An.º Soares, e q me desculpe de não lhe escrever, porq a lida não da lugar. Está isto por cá mui sêco. D.º acuda; e g.º a V. R. m.º a.º Faro em 29 de Janr.º de 1793.—De V. R.—Ir. e am.º do c. obrg.º—Fran.º B.º do Alg.º—P. S.—Alem da Rina, podiam vir, se as houvesse, algúas novenas do S.º Sales.—

Alberto Iria

(Continua)

Júnior—João José Viegas—João da Cruz Rodrigues Varela—Carlos Jerónimo Vizeto Guerreiro—Sebastião José Fernandes—Eduardo Dias Ferreira.

A tradição corporativa em Portugal

Num belo editorial publicado há dias no *Diário da Manhã* lembrava o articulista que ainda existem pessoas ingenuamente persuadidas de que o nosso corporativismo é de importação estrangeira. E, com a mesma verdade, acrescentava que essas pessoas «esquecidas os ignorantes das linhas mestras e factos capitais da história nacional, não vêem que Portugal tem passado corporativo, tradições corporativas, pensamento corporativo que remonta aos primeiros séculos da nacionalidade e sobreviveram às devastações do liberalismo político do século XIX».

Tem tódá a razão, o distinto colaborador do *Diário da Manhã* e só quem, porventura, desconheça o nosso passado histórico poderá discordar da sua afirmativa. Mas nem por isso deixa de ser sempre oportuno insistir na divulgação de certos factos que nem todos terão presentes e que muito convem lembrar e propagar para que melhor possa compreender-se e apreciar a obra de renovação económica e social do Estado Novo Corporativo.

Como é sabido de quantos se têm ocupado desta matéria, não é fácil determinar a data precisa em que as Corporações de Artes e Ofícios surgiram na vida portuguesa. O sabio Gama Barros, na sua *História da Administração Publica em Portugal*, pergunta se elas teriam existido anteriormente ao século XVI, acrescentando que os «monumentos legislativos e os costumes não ministram prova para asseverar a afirmativa. «Mas sabe-se, todavia, que o *Livro dos Regimentos dos Oficiais Mecânicos de Lisboa* foi reformado em 1572 por Duarte Nunes de Leão, e por Ordem do Senado da Câmara, livro que nos diz contarem-se já nessa época umas duzentas corporações na cidade.

Por sua vez, o consciencioso historiador Fortunato de Almeida lembra-nos, na sua *História de Portugal*, de que remonta ao ano de 1383 a primeira referência que até hoje se encontrou, relativa á organização corporativa em Portugal, referência contida naquele passo em que o cronista Fernão Lopes nos diz que uma vez eleito o Mestre de Aviz regedor e defensor do Reino, «foi logo hordenado na cidade que vinte e quatro homeês, dous de cada mester, tivessem carrego na Camara pera toda causa que sse ouvesse de hordenar por boom rregimento e serviço do Meestre fosse com seu accordo del'ess». Mas, no critério esclarecido do Sr. Dr. Almeida Braga, a darmos significação ao arruamento mestreiros por profissões, deveriam estas achar-se já anteriormente organizadas em grêmios, conforme observa na sua conferência *A Lei do Trabalho*.

Como também nenhum estudioso ignora, foram as Corporações de Artes e Ofícios que maior auxilio prestaram ao Mestre de Aviz na obra defensiva do Reino, pelo que, uma vez erigido ao trono com o titulo de D. João I, se apressou a recompensar-lhes os serviços patrióticos, dando-lhes nova organização, abundantes privilégios, e dividindo os officios em doze grêmios ou *bandeiras*, cada uma das quais dava dois homens a um organismo superior conhecido na nossa história por Casa dos Vinte e Quatro, a que presidia o Juiz do Povo, sempre respeitado e acatado pelos grandes e pequenos. A eleição dos delegados efectuava-se em dia de S. Tomé e nenhum podia ter menos de quarenta anos nem ser eleito por menos de dois terços da votação.

Com a fundação da Casa dos Vinte e Quatro ficaram os mestres a ter assento na Camara, onde lhes competia exercer importantes funções fiscalizadoras,

Jogos Florais do Fim do Ano

Teatro Popular

Como noticiamos no número anterior, damos a seguir as poesias classificadas nos Jogos Florais do Fim do Ano, que, a Sociedade Orfeónica de Amadores de Musica e Teatro, desta cidade, promoveu com brilhantismo:

Concurso de Quadras

1.º Prémio

*Dizes que o meu coração
Nem só bondade Contem.
Da Terra que dá o Pão
Nascem os cardos também.*

Casé (José António dos Santos)

2.º Prémio

*Eu cá pedi-te namôro,
falaste logo em casar!
Não se mete o pão no forno
sem a massa levedar...*

«Filósofo» (Leonel Neves)

1.ª menção honrosa

*Meus olhos, por não te verem,
Levam a vida a chorar;
São como as bicas das fontes,
Que correm sem descansar.*

Tagarela

(Maria Olga Correia Soares)

2.ª menção honrosa

*Por um beijo te roubar
Não julgues que sou ladrão;
Se roubei foi p'ra ficar
Prêso no teu coração.*

N. Amador (Armando de Campos)

3.ª menção honrosa

*Em brincadeiras d'Amôr...
Não andes tão descuidada;
— Quem procurar iludir,
Pode ficar enganada.*

Poeta Amador

António Duarte dos Santos Lopes

Jogos Florais de 1940

MOTE

*Nunca amanhece em meu peito...
E eu ando nesta cegueira...
— Acorda-me, oh! Meu amor,
Senão sonho a vida inteira...*

Victor Castela

1.º Prémio

I

*Só há trevas no meu rosto,
Na minha alma escuridão,
Que é negra a cruz do desgosto
que arrasto p'la minha mão!*

*Vivo em eterno Sol-Posto,
Num inverno sem perdão...
Pois nem mesmo o Sol de Agosto
Me ilumina o coração!*

Anota ainda Fortunato de Almeida que já em 1385 eles representavam ao Rei D. João I, lembrando-lhes que era costume assistir ás Camaras, vereações, ordenações e dar-de-officios; e, como soberano o puzesse em dúvida, disse lhe davam conhecimento, em termos pormenorizados e pitorescos.

Eram, pois muito importantes as atribuições desse organismo corporativo, que não se limitava a curar dos interesses profissionais, porquanto se ocupava também daquêles que diziam respeito á localidade e ao bem comum da Nação. No comentário de um tratadista autorizado, essa intervenção activa dos artifices na Gerencia municipal, não se via por essa época em país nenhum da Europa, pelo menos, de uma forma tão ampla e tão francamente reconhecida pelo Poder.

Com sólidas razões pôde portanto afirmar o Ilustre articulista do *Diário da Manhã* que nós temos um passado corporativo, que existe em Portugal uma tradição corporativa.

F. C.

Lisboa, 22 de Dezembro de 1940.

*Teus olhos, amor, um dia,
Foram promessa:—Clarão
Hoje em cinzas já desfeito...*

*—E, extinto o Sol da alegria,
E' noite em meu coração,
Nunca amanhece em meu peito!*

II

*Nem por compaixão sequer
O teu olhar hoje diz
O que então soube dizer
P'ra me fazer infeliz...*

*E eu nem te sei esconder
O quanto te quero e quíz...
Choro em vão por te querer,
Repetindo o que já fiz...*

*—Ao menos, amor, segreda,
Pede ao Sol que te não faça
Sua cruel mensageira...*

*Porque, assim, és labareda,
Raio de luz e de graça
E eu ando nesta cegueira!...*

III

*Eis me sem rumo, perdido,
Em tristeza amortalhado...
Por ti, ingrata, vencido
E ao 'squecimento votado...*

*Ah!... Vivo tão iludido
Que me julgo atraído...
— Como pode ser 'squecido
Quem nem sequer foi lembrado!...*

*— Mas esta alma adormecida,
Sufocada em noite escura,
'spera um Sol libertador...*

*— Se és tudo p'ra mim na vida,
Chama por mim, Formosura...
Acorda-me, oh! Meu amor...*

IV

*O teu desdém é brutal
E a minha dor tanta, tanta,
Que ás vezes te julgo um mal,
Uma fera em vez de santa...*

*E então a loucura é tal
Que um só desejo me encanta:
Cravar um longo punhal
Na tua linda garganta...*

*— Perdoa, minha querida!...
Sou um louco sonhador
A sonhar desta maneira!...*

*Vê minha alma adormecida...
Desperta-a já, meu amor,
Senão sonho a vida inteira...*

«Desesperado»

(Adriano Baptista)

2.º Prémio

VOLTAS

*Há clarões que cegam mais
Que a escuridão mais profunda...
Luz de teus olhos, jucunda,
Lançou nos meus sombras tais
Que me cegou... desse geito
Em minh'alma deslumbrada,
E' sempre noite fechada,
Nunca amanhece em meu peito.*

*Tu vives na romaria
Do teu sangue rubro e quente,
Tu vais na vida contente,
Prêsa de intensa alegria...
Espalhando, feiticeira,
Alvôres de primavera...
E eu vivo nesta quimera...
E eu ando nesta cegueira...*

*Tem pena desta tristeza,
Tão grande que me atormenta...
Que por forte e incruenta,
Me perderá concerta...
Tem pena da minha dor...
Abre em mim o paratso...
Desperta-me num sorriso,
Acorda-me, oh! meu amor.*

*Miragem apetejada...
Quero contigo ir ainda
Há romaria mais linda
Que jámais houve na vida...
Chama por mim, de maneira
Que a tua voz doce e calma
Me tire as trevas da alma...
Senão sonho a vida inteira!*

Antónus (António Pires Antunes)

3.º Prémio

*Sabe Deus por que motivo
não sei de mim, nem me importa!
Meu peito é túmulo vivo
da minha esperança morta!*

*Não sei por que triste sina
me vem de Deus tanto mal...
Quando, noite alta, me deito,
embora a luz matutina
um novo dia assinale,
nunca amanhece em meu peito!...*

*Se estas penas são de amor,
se elas torturam assim,
louvado seja o Senhor
que as reservou para mim!
'Penas, sim!... Penas de amar-te
muito mais do que amo a Deus!
Tu queres que eu te não queira
e vê, não posso deixar-te...
Dou-te a luz dos olhos meus
e eu ando nesta cegueira...*

*Perdido no mar de mágua
que me invade o coração,
minha sede não é d'água
nem minha fome é de pão!...
Torpor tamanho somente
o teu amor poderia
dar-lhe um fim consolador...
Que custa ser indulgente?!...
Faze o milagre, Marial!
Acorda-me, oh meu Amor!...*

*Não sei por que triste sina
me vem de Deus tanto mal
quando é Deus que nos ensina
que só a 'Bondade vale!...
— Continuarei a sonhar
erguendo na fantasia
aquela esp'rança fagueira
que me diz que hás-de voltar...
.....
Volta, Amor!... Volta algum dia
Senão sonho a Vida inteira!...*

3.º do Mar

José Guerreiro de Moura Lapa

1.ª menção honrosa

*Meu amor: não fiques triste
quando souberes,—que parti,—
Pois s'esta fuga persiste
não é por mim, é por ti.
A calúnia traçoeira
se deve amor, toda inteira
a Amargura deste feito.
— Cá de longe por entre escolhos,
sem o céu desses teus olhos...
Nunca amanhece em meu peito.*

*Fôste minha e quíz-te tanto
que encarando a realidade,
Nunca domino o meu pranto,
e endoideço de Saudade.
Há bem pouco que parti,
e meu amor, já sofri,
mais que numa vida inteira.
A minh'alma erra,—já louca,—
saudosa da tua boca,
E eu ando nesta cegueira*

*Tanta de quanta tristeza,
eu presinto até ao fim...
Tanta dor, tanta incerteza.
Que já duvido de mim.
Mas se eu quando t'escrever
te deixar querida,—Antever.
Sombra d'algum desamor.
Algo em mim adormeceu.
Quem te escreve, não sou Eu.
Acorda-me oh meu amor*

*Sabes bem como entristeço
quando vivo abandonado.
Nem eu mesmo me conheço,
nas lembranças do passado.
Tens qu'escrever-me bastante.
P'ra qu'eu sinta a todo o instante
a tua boca... fagueira.
Conta-me o que vai por aí.
Fala-me muito de ti,
Senão sonho a vida inteira.*

Emigrante (Adolfo Pereira Neto)

2.ª menção honrosa

*Vivo numa noite fria
Sem calor e sem conforto
E' quasi o viver de um morto
Se ele vivesse algum dia;
Vivo da eterna agonia
De um amor insatisfeito,
Vivo o suplicio perfeito
De uma mentida promessa...
— Não há um sol que me aqueça,
Nunca amanhece em meu peito.*

*A luz que aos outros ofusca
Não brilha nestes meus olhos,
Vegeto num chão de abrolhos
Numa tortura tam brusca
Que o meu olhar já não busca
A natureza fagueira
E fico, queira ou não queira,
Nesta triste escuridade,
A pensar que ha claridade
E eu ando nesta cegueira...*

Apresenta hoje um espectáculo inesquecível com o triunfo de Du-vivier em o aplaudido filme americano *A Grande Valsa*, produção que alem de ser um encanto musical que divulga a imortal musica de Strauss descreve a historia do grande compositor vienense revolucionando Viena desde a aristocracia ás classes populares concorrendo as suas melodias para transformar a grande capital numa cidade mundana, o que o filme constituiu em toda a sua beleza e esplendor Fernand Gravey, um dos idólos do publico, na figura do grande Strauss, Luise Rainer no papel de Poldi; a sua mulher e Miliza Korjus interpretando Carla, grande cantora vienense por quem o genial artista se apaixonou concorrem com o seu natural desempenho para o extraordinario exito da pelucula.

Quinta-feira — Aparece-nos na tela a vida movimentada de um outro grande genio musical na super-produção *Verdi*, tambem de alta categoria artistica e do maior interesse publico.

Magistrais criações da conhecida artista Gaby Morlay e dos grandes e famosos cantores liricos: Maria Cebotari e Benjamin Gigli. O filme é surpreendente e segue-se sempre com estusiasmo até ao arrebatador e deslumbrantissimo final.

Neste empolgante romance do popular compositor Verdi ainda se revela a maneira curiosa como foi criada a celebre aria *Lá Donna e Mobile* da conhecida opera «*Rigoletto*» a acidentada estreia da «*Traviata*» e a grande premiêre da «*Aida*» no Scala de Milão.

Acompanha esta imponentissima realização o filme de aventuras: *Justa Vingança*.

*Quem me livra do martirio
Desta escuridão nefasta
Onde a vida inteira gasta
Meu negregado delirio?
Quem vem acender um cirio
Nas asas deste amargor
Por que veja só a cor
Dos meus sinistros tormentos?
— Faz-mos ver só por momentos,
Acorda-me, oh, meu amor!*

*Assim, de todo ceguinho,
Não posso oscular teu rosto,
Sofro este imenso desgosto
Sem a sombra de um carinho;
Não posso dar-te um beijinho
Nesses lábios, feiticeira,
E sonho de uma maneira
Que é um cilício medonho.
— Vem acordar-me do sonho,
Senão, sonho a vida inteira.*

Pax Vobis

Eduardo Fernandes, «Esculápio»

3.ª menção honrosa

*Meu amor
Quando partiste
leváste o meu coração...
Fiquei desolada e triste
vivo numa escuridão!
Sem a luz do teu olhar,
sem do teu carinho o geito,
sem teus lábios p'ra beijar...
Nunca amanhece em meu peito.*

*Ai, só me resta, meu bem
por companhia a saudade.
Mas até ela também
me dá pena e ansiedade,
pois seu mágico poder
faz-me ver-te à minha beira:
vejo-te, amor... sem te ver
E eu ando nesta cegueira...*

*São cem anos cada dia
que passo longe de ti!
Quando terei a alegria
de voltares para aqui?
Que dia será? Que hora?
Mesmo se alta noite fôr,
por Deus, não te vás embora...
Acorda-me oh meu Amor!*

*E vou terminar por hoje:
Bem sabes que não te esqueço
mas, querido... a vida fôge...
Vem quanto antes, to peço!
Envio-te um longo beijo
ardente como fogueira
e... satisfaz meu desejo
Senão sonho a Vida inteira!*

Tambem fui noiva saúdosa
Maria Amélia Pinto de Carvalho e Almeida

Retalhos e Arabescos

Os Estados Unidos e a Inglaterra

Lê-se que a América do Norte dá auxílio à Inglaterra, no valor de 600 milhões de libras. Para o escrevinhador destas linhas, é coisa sem importância, é o algarismo seis com oito zeros à frente. Nada mais.

São 2 mil e 400 léguas de comprimento, colocando as libras em linha e bem chegadinhas ou 4 mil e oitocentas toneladas de pêsco.

Se os ladrões se lembrassem destes 600 milhões e supondo que cada um transportava 80 quilos, seriam precisos 60 mil ladrões para aqueles milhões.

Gatos angora... de contrabando

Um regenerador da raça felina—assim se intitula o cavalheiro—conseguiu fabricar em Londres gatos angora, como quem fabrica botões de camisa... Já há muito que se observava que os gatos que vivem nas camaras frigoríficas dos grandes depósitos de carne começam a ter o pêlo extremamente comprido e espesso, crescendo êles tanto, que chegam a atingir o dobro do tamanho normal.

O homenzinho de Londres resolveu aproveitar-se dessa observação e fazer um grande negócio: pegou numa quantidade de gatos e encerrou-os em camaras frigoríficas. Daí a pouco tinha a sua disposição uma série de Angoras... de contrabando.

E não se diga que se trata dum suplicio para os felinos, pois que o frio só lhes é favorável, curando-os de qualquer doença, e engordando-os consideravelmente.

PELA IMPRENSA

E' do consagrado escritor e dourinário dos problemas economicos-sociais, sr. Fernando de Campos, o artigo «A tradição corporativa em Portugal» que inserimos noutra local deste semanário e que, pelo belo resumo que faz do assunto a que se refere o título do artigo, transcrevemos do nosso presado colega de Faro, «Correio do Sul».

Estudantes

Recebem-se em Faro, 2 rapazes ou 2 meninas, em casa particular, como família.

Informa Capitão Carmo—Rua D. Francisco Gomes, 38—Faro.

PELA CIDADE

Melhoramentos—Já foi dada de empreitada em haste pública, o calcetamento em paralelepípedes da Rua José Pires Padinha, obra a realizar-se em comparticipação do Estado. Está de parabéns o sr. Dr. Ramos Passos, ilustre Presidente da Camara Municipal, por ter conseguido iniciar este grande melhoramento para a cidade, atendendo a que é a via mais concorrida para o Mercado Municipal. E, igualmente, os comerciantes e moradores daquela rua que há tanto reclamavam aquele melhoramento, absolutamente justo sob todos os aspectos.

Médicos Municipais—Já foram empossados dos cargos de Médicos Municipais efectivos das Freguesias da Luz e de Cachopo, respectivamente, os srs. Drs. Arnaut Pombeiro e Francisco Mendonça. Os nossos parabéns.

Missa Nova—Celebrou no primeiro dia deste mês a sua primeira missa o reverendo Padre Joaquim Humberto Galhardo Palmeira, nosso conterrâneo.

A missa teve lugar na Igreja paroquial de Sant'Iago que se encheu por completo, ficando parte da capela-mór reservada a convidados.

No lado do Evangelho estavam os pais e outros membros de família do neo presbitero e no lado da Epistola os padrinhos que serviram ás lavandas.

Começou a cerimonia, como manda a liturgia, pelo Veni Sancte Spiritus, entoado pelo celebrante e continuado pelo grupo coral da juventude catolica Feminina auxiliado por outras meninas que cantou tambem as partes fixas da missa Te Deum Laudamus de Perosi.

Ao harmonio estava a professora de piano senhora D. Maria da Luz Hilario. De presbitero assistente estava Monsenhor Cónego Cebolas Folgado, Reitor do Seminário de Evora, de Diácono e Subdiácono os reverendos Padres Balsa e Melo, tambem de Evora e serviu de mestre de ceremonias o reverendo Padre Passos, de Faro.

Depois de cantado o Evangelho subiu ao pulpito o reverendo Padre Balsa que falou sobre a grandeza e excelência do sacerdocio.

Finda a missa, o novo sacerdote deu as mãos a beijar enquanto era cantado pelo grupo coral do hino de acção de graças Te Deum Laudamus.

A seguir á cerimonia liturgica foi servido em casa dos seus pais um abundante cõpo de água a numerosos convidados.

Mande executar os vossos impressos na TIPOGRAFIA SOCORRO
Telef: 59—Villa Real de Santo Antonio

Noticias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje—O sr. Izidoro Manuel Pires.
Em 13—D. Maria Luiza da Trindade Franca e sr. José Nicolau da Palma.

Em 14—O menino Eduardo Baptista Regato.
Em 15—D. Rita da Encarnação Felisberto.

Em 16—D. Herminia dos Martires Carvalho Peres.

Em 17—D. Estela Lemos Soares de Matos, D. Virginia Amélia Guimarães Chaves Ramos e sr. Manuel de Jesus Ribeiro.

Em 18—Mle. Maria Suzela Andrade Ferreira e menino Antonio da Conceição Alegre.

Partidas e Chegadas

Partiu para Lisboa, o nosso querido amigo e distinto médico especialista em Obstetricia, sr. Dr. Jorge Braz.

—A fim-de passar as festas com sua familia esteve entre nós o sr. Manuel José Lopes, empregado no Grémio de Exportadores de Frutos do Algarve.

—Encontra-se nesta cidade a sr.ª D. Maria Carlota Araujo Baptista, que com seu sobrinho o menino José Regato, estudante, veio passar as Férias do Natal.

—Encontra-se entre nós o sr. Jaques Pessoa, funcionário da Junta Autónoma dos Portos de Sotavento do Algarve.

Depois de alguns meses de permanencia na Capital, regressou a esta cidade o nosso presado assinante sr. Dr. José Caldeira Pessanha, notário nesta cidade.

Casamentos

Consociaram-se em Lisboa, o sr. Alferes Francisco Eduardo Medeiros Nazareth, filho da sr.ª D. Maria Eduarda Medeiros Nazareth, já falecida e do sr. Dr. Francisco Nazareth, com a sr.ª D. Maria Luisa Pires Machado, gentil filha da sr.ª D. Luisa Amélia Peres Machado e do sr. Dr. Luis Machado Guimarães. Serviram de padrinhos, por parte da noiva, seus Pais e do noivo, a sr.ª D. Leopoldina Peres Padinha e o sr. Dr. Luis Medeiros Antunes. Os noivos vieram passar a lua de mel à quinta de Cacela pertencente ao sr. Dr. Luis de Medeiros Antunes, tio do noivo, tendo já regressado a Lisboa.

Que sejam muito felizes, são os nossos votos.

No dia 4 do corrente, foi celebrado na Paroquial de Santa Maria, desta cidade, o enlace matrimonial da sr.ª D. Judite dos Santos Pescada, filha da sr.ª D. Gertrudes dos Reis Santos Pescada, e do sr. João do Carmo Pescada, com o sr. Eduardo Viegas Carapeto, filho da sr.ª D. Maria de Sousa Viegas Carapeto e do 2.º sargento sr. Eduardo dos Santos Carapeto.

Paraninfaram o acto por parte da noiva sua tia D. Leopoldina do Nascimento Pescada Frangolho e seu primo Jorge Augusto Correia, estudante de Medicina, e pela do noivo seus pais. Os nossos parabéns.

Dr. Moraes Simão

CLÍNICA GERAL

Cirurgia, Partos e Dentes

Consultas das 15 às 18 horas

Rua da Liberdade

TAVIRA

PELA CIDADE

Festa Catolica—Como é já tradicional, tambem este ano as Jõcista e Benjaminas juntamente com as crianças da Catequese levaram a efeito uma recita num dos salões do Asilo amavelmente cedido pelo Sr. Dr. Jaime Bento da Silva, director desta Instituição.

O programa foi o seguinte: Hino da Catequese; E Deus fez o milagre, poesia, Leonilde Rodrigues; Uma História, poesia, de D. Maria Castro Centeno, Maria Simão; Rosas de Santa Terezinha, poesia, Maria Felicidade; O meu lar, solo, Maria Anália; O Bom ar, cõro; Tenho nojo de manteiga, Maria Anália; Senhora de não te rales, poesia Maria Fernanda; Maldades da Boneca, Maria Leonor; Dialogo entre mãe e filha, Maria Simão e Maria Quintelas; O Caracol, cõro; A Distraida, monólogo, Bernadete Santos; Fogueiras e Festada, cõros; Carta da Aldeia, Maria Valentina e Arminda; Rimpianto, sólo, Maria Luiza.

Depois deste numero seguiu-se o sorteio do serviço de café.

O avental, cõro; Pomba sem fel, poesia, Renato Ferreira; Faquir, monólogo, António Faisca; O Socegado e o Traquinos, Americo e Abílio; Não foi ás melancias, monólogo, Terramoto; A distribuição, poesia, Alberto; Desafio escolar, dialogo, Alberto e Faisca; A minha aldeia, cõro; Hino da Catequese.

Legião Portuguesa—Por ordem do Comando Distrital de Faro, e a fim-de comemorar a passagem do Ano Novo, foi distribuido, no passado dia 31 de Dezembro findo, a 10 Legionários pobres do Terço n.º 2 de Tavira, a quantia de 10700 a cada para melhoria do jantar do dia 1.

Impõsto de incêndios—Está a pagamento durante o mês de Janeiro corrente na Tesouraria da Câmara Municipal, este imposto.

Beneficencia pelo Natal—*Conferencia D. Nuno Alvares Pereira*:—Na vespera de Natal distribuiu esta Conferencia um bõdo a 35 pobres que constou de 1 pão de meio quilo, carne 125 gramas, arroz 250 gramas, grão 1/4 de litro, toucinho 50 gramas, e contemplou outros pobres com 32 quilos de pão.

Senhoras de Caridade:—Esta associação como nos anos anteriores fez um pedtório pela cidade tendo recolhido uma arroba de toucinho, 10 litros de milho, 70 litros de grão, 7 quilos de arroz, 3 litros de chicharos, 2 de feijão, quilo e meio de massa, 3 chouriços e 319780 em dinhei-

Tinturaria a vapor

A melhor e a única na provincia

Atenção—Esta tinturaria tingem todas as qualidades de tecidos, e garante não ficar as fazendas enrugadas.

Curte, tingem e confecciona todas as qualidades de peles.

Tingem e arranjam chapéus para homem, ficando o trabalho perfeito.

O proprietário desta casa, por ser alfaiate, é a única d'êste género, garante o seu trabalho em fatos tingidos.

Outras casas há que tingem fatos e que nada disto percebem, ficando o seu trabalho imperfeito e o cliente mal servido.

Prefira sempre os preços reduzidos da

Tinturaria Nicolau

SÉDE EM OLHÃO

Rua Almirante Reis, 108

FOJAS

em FARO: Rua Filipe Alistão, 15

em Tavira: Rua 5 de Outubro n.º 17

em VILA REAL: Rua Inf.ª 16, n.º 12

Necrologia

No dia 30 de Dezembro, passado, faleceu nesta cidade donde era natural a sr.ª D. Francisca da Conceição Chalaça, de 68 anos de idade.

A extinta era casada com o sr. José de Souza Regato, e mã das sr.ªs D. Maria Clementina Regato, D. Maria Francisca Regato Parra, D. Natércia Regato Temudo e do Tenente sr. José de Souza Regato Junior.

No dia 5 do corrente, faleceu nesta cidade, o sr. Manuel Inacio da Palma, de 64 anos, natural da freguezia de Santo Estevam, deste concelho.

O extinto era casado com a sr.ª D. Elisa Emiliana da Encarnação Palma, e pai da sr.ª D. Irene Celeste Palma, casada com o sr. João de Vale Baracho, dos srs. Mario Aurelio Palma, Dr. Americo Silvino Palma e do aluno da Escola de Guerra sr. Manuel Emiliano Palma.

As familias enlutadas o «Povo Algarvio», envia as mais sentidas condolencias.

Farmácia de Serviço

Encontra-se de serviço urgente durante esta semana a Farmacia FRANCO

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

ro, tudo distribuido na vespera do Natal aos pobres.

Pão de Santo António:—Com as esmolas encontradas na caixa mandou-se fazer 126 pães de meio quilo, distribuidos a igual numero de pobres.

DAMIÃO DE VASCONCELLOS

Tradições Populares de Tavira

Notas etnográficas

«L'âme des vivants est faite surtout de la pensée des morts.»

Gustavo Le Bom

Quando em Junho de 1938 findou a publicação da 1.ª serie do meu folhetim *Ecos do Passado de Tavira*, anunciei a 11.ª serie, que agora se publica. Serie que incide exclusivamente sobre etnografia local, abrange a recordação de festas laicas e religiosas, devoções, costumes, credences e superstições de épocas passadas de Tavira em especial, e em geral do Algarve. N'uma palavra: a Tradição.

Dito e redito está, que recor-

dar é viver. Vivamos, pois, em quanto se lê este folhetim, nos tempos passados, das gerações que nos precederam. Gerações que viveram, sofreram, amaram, e sobretudo tiveram a alegria de viver, que hoje nos falta, devido aos tempos angustiosos que correm.

A tradição é sempre bela, e ligando o passado ao presente, faz reviver os tempos idos, fotografá-los se fôr possível, ainda que imperfeitamente, como é meu intento, mas escasseia-me a arte. Por isso estas notas etnográficas—a Tradição.

Sabe a humanidade que muitas tradições são a história. Transmitem-se todas as terras

de geração em geração com as suas tradições, porque a tradição é o espirito dos povos. Cada terra transmite de pais a filhos uma tradição fundamental. Ai da terra que a perdeu; perdeu o espirito do seu povo, é um corpo sem alma.

A ideia de reviver ceremonias dos antigos tempos e de estreitar nas mãos dos vivos as mãos geladas dos mortos, por cima de um abismo de seculos, domina a imaginação das almas sensíveis, por isso este folhetim deve ser mais do agrado das damas do que do sexo feio. Para elas, pois, escrevo estas notas etnográficas.

São frutos de buscas e rebuscas pacientes, demandaram largo tempo e trabalho consumido mas por pago me dou de tantas conseiras ao saber que olhos e lábios femininos se vão alegrar e sorrir ao ler as festividades de nossos avós, em tempos que já lá vão.

Que resta hoje de tantos festejos? Memoria quasi perdida; no ramerrão quotidiano do presente, eles evocam-nos tempos em que a vida, não tendo as fa-

cilidades de hoje, se mostrava mais alegre, mais vivida, mais fraterna... Por vezes deparam-se-lhe manchas, mas o Sol tambem as tem, e é a fonte de vida, luz e calor.

Nos tempos em que se passam as cenas que vou descrever, a par de tanta alegria de viver, quanta ternura e sses festejos simbolisam, representam e manifestam.

Tempos idos, páginas da Vida, viradas para sempre no grande livro da história, recordá-las é missão grata a quem escreve, é prazer espiritual a quem lê. Ler no Passado, é ler o que nós fomos, reviver no Passado, é viver junto com os nossos espectros, evocar fantasmas a que nos ligam afinidades de raça e crenças.

E eu, que sou homem do meu tempo, parece-me sentir saudades dos tempos idos, a tanto me tem levado a convivência com espectros, nas investigações em que se gastam meus ocios.

Mas deixe o leitor este arrazoado, que vamos entrar no Passado.

Natal

Natal à porta, começa a faina de armar os presépios.

Era a primeira festa e a maior das folias populares.

O Clero e o povo procuravam adornar o presépio nas igrejas, dando-lhe um aspecto rustico, com a Virgem e o Menino ao centro, e aos lados S. José, um anjo e os animais da lenda. Ao bater da meia-noite, vozes melodiosas partiam das Tribunas, de todos os pontos altos da igreja, simulando que desciam do ceu, e anunciando o nascimento maravilhoso, embora humilde, do Redentor da humanidade. O clero entoava uma antifona que terminava com *Gloria*, repetido em unisono pelas vozes dos assistentes. Depois entravam uns homens vestidos de pastores, aos quaes o diacono introduzia junto do presépio, e ofereciam ao Menino presentes rusticos, e cantavam alegres canções.

(Continúa)

Grémio da Lavoura de Tavira

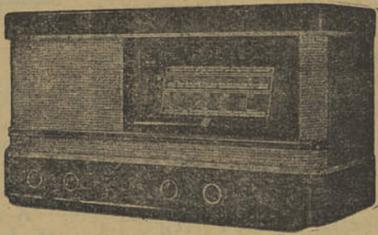
Avisam-se os Srs. proprietários de que as suas cotas do Grémio estão em pagamento voluntário até 31 de Janeiro corrente, podendo a 2.ª prestação, correspondente ao 2.º semestre, ser paga em Julho próximo.

As cotas do ano de 1940 ainda não pagas serão no corrente mês enviadas para cobrança coersiva ao Tribunal competente.

Mais se avisa que o Grémio já tem à venda batata para semente «IMPERIA» sendo conveniente, para que ela lhes não falte, inscreverem-se os que a desejem e ainda o não tenham feito.

Que belo aparelho
«PHILIPS»

À VENDA
no Cunha & Dias, Lda.
TAVIRA



Se é económico prefira um aparelho Philips!

Um PHILIPS faz a alegria dum lar!...

Contra factos não há argumentos!

Interessa a todos uma visita à COMPETIDORA de

JOSÉ AUGUSTO NEVES

NA PRAÇA DA REPUBLICA, 28-29—TAVIRA

Onde V. Ex.ª encontrará o maior sortido de LANIFICIOS e ALGODÕES Grande SALDO de tecidos em Cheviote a 6\$00 o metro

Fantasia de Lã a 10\$00 o metro, etc., etc.

Uma enorme variedade de fazendas de lã dos principais Fabricantes do nosso país que saldamos até ao fim do ano sem reserva de preço para dar lugar a artigos de futura estação.

Ver para crêr

Professora de Piano

Chegada de fora, ensinando pelo método do Conservatorio lecciona na sua casa, ou em casa dos alunos, com piano para estudo.

Preços módicos.

Falar com a própria na Rua Almirante Cândido dos Reis, n.º 91—TAVIRA.

COMPRA-SE

Balcão, balança e jogos de medidas. Enviar resposta a esta redacção com as iniciais J. B.

Mendonça Freitas

ADVOGADO

Rua da Liberdade

TAVIRA



TIPOGRAFIA SOCORRO
Fábrica de Carimbos
As oficinas gráficas preferidas pela perfeição dos seus trabalhos.
VILA REAL DE SANTO ANTONIO

VENDE-SE

Azinheiras, grandes grossuras, próprias para construções de embarcações, carros, abegorias, etc., a cortar em Janeiro próximo.

Informa José Francisco Peixoto, Tavira,

Balcão e armação

Vende-se barato, tudo novo.

Nesta redacção se diz.

VENDEM-SE

Um prédio na Rua dos Torneiros, com os n.ºs 19 a 25, de policia, com mais 2 portas com os n.ºs 15 e 17 para a Travessa Jacques Pessoa constando de rés-do-chão, próprio para loja, 1.º andar, com 8 divisões, 2 varandas, pequeno quintal e dois poços.

Um prédio na Rua Almirante Cândido dos Reis, 183, com frente também para a Rua das Figueiras e para a travessa do mesmo nome.

Tem 7 amplos compartimentos, que podem ser divididos, quintal e poço, tudo numa area grande de terreno podendo fazer-se garagem, cocheira ou cavalariça anexa á residencia.

Dão-se mais esclarecimentos na Sapataria Triunfo de José António de Jesus—TAVIRA.

Cunha & Dias, L.ª

8-RUA DA LIBERDADE-10
TAVIRA

Agencia da Tabaqueira
e da Foforeira Portuguesa
Venda de tabaco e foforos
aos melhores preços
Condições especiais
para revendedores

Vende-se uma CASA

No Alto de S. Braz, rende 8 a 10%, tem 7 divisões no 1.º andar, grande armazem, quintal, porcelga, palheiros, cavalariça e arrecadação espaçosa para carros.

Informa João Viegas Betato Horta do Carmo—TAVIRA.

Venda de prédios em TAVIRA

Sete moradias, um armazem e uma pequena horta tudo sito na rua de D. Ana, desta cidade.

Quem pretender pode dirigir-se ao seu proprietário, António Geraldo Dias, ou ao solicitador Carmo Peres.

Vendem-se

Os primeiros volumes do Grande Dicionário da Enciclopédia Luso-Brazileira.

Nesta Redacção se informa.

VENDE-SE

Um aparelho de T. S. F. em bom estado para baterias, corrente continua e alterna.

Nesta Redacção se informa.

VENDE-SE

Um carro com capoeira de comodo pessoal e um rebanho de cabras.

Quem pretender dirija-se a Joaquim Pires Cruz.

Quereis estrear ou ofertar uma camisa moderna

VISITE A

CASA CABRITA

(Junto ao Mercado Municipal)

Esta casa recebeu a mais linda coleção de camisas

Adão, Cliper e Holywood

SEMPRE NOVIDADES

A PREÇOS SEM COMPETENCIA

A Grande Novidade de 1941

Aparelhos de Rádio Aprovados e recomendados pela Emissora Nacional

VENDEM-SE

Para ondas médias a pronto pagamento—397\$50

Em pagamentos mensais: { entrada esc. 72\$50
10 prestações de 36\$50—365\$00
Total: 437\$50

Para médias e curtas um receptor de 6 modernas válvulas (rendimento de 8 válvulas) sem consumo de energia

A pronto de pagamento—647\$50

Em pagamentos mensais: { entrada esc. 98\$00
12 prestações de 51\$00—612\$00
Total: 710\$00

AGENTE:

Francisco Padinha Raimundo

Rua do Pôço do Bispo, 10—TAVIRA

Julio Sancho

Médico Radiologista

Radiodiagnóstico - Electroterapia

CONSULTÓRIO:

R. de Santo António, 32, 1.º
Tel. 228 - FARO

Dr. Estevam Guimarães

Engenheiro Geógrafo e Professor de Matematica

Plantas topográficas por processos modernos

Lições para exames nos Liceus e Faculdades

Rua Cândido dos Reis, 27 - TAVIRA

VENDE-SE

Um prédio pertencente a Manuel José Diogo Néto, sitio da Arrotéia—Livramento.

Casas de habitação e para qualquer ramo de negócio bem situado junto à estrada nacional e uma courela de horta com arvoredo que fica junto ao mesmo prédio.

Quem pretender dirija-se ao seu proprietario no referido sitio.

Assinal o "Povo Algarvio"

AUTOMOBILISTAS

Quereis que os vossos carros funcionem bem?

Usai os afamados oleos de reputação mundial.

EAGLOIL e ESSOLUBE

Mansinho & Faleiro

Rua Alexandre Herculano, 22

TAVIRA